



UC/FPCE—2018

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Estudo de Validação da Versão Portuguesa do
Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood
(IDEA)**

Miguel Ângelo Duarte Oliveira (e-mail: migueloliv21@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de
especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a orientação
da Professora Doutora Luciana Sotero

Estudo de Validação da Versão Portuguesa do *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA)

Resumo: A entrada na vida adulta tem sofrido alterações marcantes, provocadas por transformações sociodemográficas dos contextos sociais (e.g., prolongamento dos estudos, adiamento do casamento). De modo a contribuir para a compreensão da adultez emergente em Portugal, a presente investigação tem como principal objetivo avaliar as propriedades psicométricas do *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* – IDEA (Reifman, Arnett, & Colwell, 2007). O protocolo de investigação foi aplicado a uma amostra de 330 adultos emergentes portugueses, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. A análise fatorial do IDEA replicou a estrutura original do instrumento (31 itens distribuídos por seis dimensões), revelando a versão portuguesa bons valores de consistência interna e de estabilidade temporal. Os resultados mostraram correlações positivas entre o IDEA e a satisfação com a vida, assim como com a orientação para o futuro. Foi ainda possível verificar neste estudo que o nível socioeconómico do agregado familiar, a forma de coabitação e a situação laboral parecem influenciar a identificação com a adultez emergente. Com este estudo verificou-se que a versão portuguesa do IDEA constitui uma medida fiável de investigação e de aplicação clínica, obteve-se uma caracterização da adultez emergente no contexto português e sugerem-se futuras linhas de investigação.

Palavras-chave: Adultez emergente; contexto português; *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood*; propriedades psicométricas.

Validation Study of the Portuguese Version of Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA)

Abstract: The entry into adulthood has undergone marked changes, brought about by sociodemographic transformations of social contexts (e.g., extension of studies, postponement of marriage). In order to contribute to the understanding of the emerging adulthood in Portugal, the present research has as main objective to evaluate the psychometric properties of the Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood – IDEA (Reifman, Arnett, & Colwell, 2007). The research protocol was applied to a sample of 330 Portuguese emerging adults, aged between 18 and 30 years. The factor analysis of IDEA replicated the original structure of the instrument (31 items distributed in six dimensions), revealing the Portuguese version good values of internal consistency and temporal stability. The results showed positive correlations between IDEA and life satisfaction, as well as future orientation. It was also possible to verify that the socioeconomic level of the household, the form of cohabitation and the occupational status seem to influence the identification with the emerging adulthood. In this study it was verified that the Portuguese version of the IDEA is a reliable measure for research and clinical applications, a characterization of the emerging adulthood in the Portuguese context was obtained and future lines of investigation are suggested.

Key Words: emerging adulthood; Portuguese context; Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood; psychometric properties.

Agradecimentos

À Doutora Luciana Sotero e à Dr.^a Gabriela Fonseca pela excelente orientação, disponibilidade e encorajamento em todos os momentos.

À Professora Doutora Ana Paula Relvas pelo rigor e pelas sugestões que permitiram o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas de turma, pela caminhada conjunta. Um agradecimento especial à Olívia, à Vanessa, ao João e ao Diogo, pela presença, pelo carinho e pelo otimismo.

À minha família, por ser um porto-seguro, uma fonte inesgotável de amor, sem os quais estes cinco anos não seriam possíveis.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1.1 Definição e Caracterização da Aduldez Emergente: Período de Transição ou Etapa de Vida?.....	2
1.2 Aduldez Emergente na Europa e nos Estados Unidos: Diferenças e Semelhanças.....	6
1.3 Instrumentos de Medida da Aduldez Emergente: <i>Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood</i>	8
1.4 A Aduldez Emergente em Portugal.....	9
II – Objetivos	11
III – Metodologia	11
3.1 Procedimentos de Investigação e de Recolha de Amostra.....	12
3.2 Caracterização da Amostra.....	13
3.3 Instrumentos.....	15
3.3.1 Questionário Sociodemográfico de Dados Complementares..	15
3.3.2 <i>Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA)</i> ...	15
3.3.3 <i>Hopes and Fears Questionnaire (HFQ)</i>	15
3.3.4 Escala de Perspetiva Temporal de Futuro (FTPS).....	16
3.3.5 Inventário da Diferenciação do <i>Self</i> – Revisto (DSI-R).....	17
3.3.6 <i>Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)</i> .	17
3.3.7 Escala de Satisfação com a Vida (SWLS).....	18
3.4 Análises Estatísticas.....	19
IV – Resultados	20
4.1 Validade de Constructo.....	20
4.2 Precisão.....	21
4.3 Análises Descritivas dos Instrumentos.....	22
4.4 Validade Convergente.....	24
4.5 Correlações entre Instrumentos.....	25
4.6 Comparações Sociodemográficas.....	26
4.6.1 Sexo e Idade.....	26
4.6.2 Escolaridade e Nível Socioeconómico do Agregado Familiar.	27
4.6.3 Situação Relacional e Formas de Coabitação.....	27
4.6.4 Situação Laboral.....	28
V – Discussão	29

5.1 Limitações do Estudo e Sugestões para Futuras Investigações.....	36
VI – Conclusões.....	37
Bibliografia.....	38
Anexos.....	45
Anexo A – Tabela Síntese com os Vários Estudos do IDEA.....	45
Anexo B – Apresentação do Estudo e Consentimento Informado.....	48

Introdução

A entrada na vida adulta tem sofrido grandes alterações ao longo das últimas décadas, em especial nos países industrializados. Estas alterações, motivadas por transformações nos padrões sociais, políticos e económicos dos países, implicaram reorganizações adaptativas no que diz respeito à passagem para a vida adulta. Deste modo, o que era considerado como uma transição linear, estável e objetiva, deu lugar a um período de vida marcado por trajetórias complexas e destandardizadas (Sousa, 2004). A saída de casa dos pais, o casamento e a parentalidade eram os grandes acontecimentos sociais que definiam a entrada na vida adulta. Contudo, a complexidade e a crescente exigência do mercado laboral vieram impor a necessidade de melhores formações académicas, o que se traduziu no investimento curricular, através do prolongamento ou do regresso aos estudos (Vieira, Ferreira, & Rowland, 2015). Consequentemente, o modelo tradicional de casamento-casa-filhos, também intitulado por “pacote familiar” (Kugelberg, 1998, in Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 109) foi sendo adiado em prol da realização profissional dos jovens. É esta diversificação de modos de vida, a nível público (e.g., escola e trabalho) e privado (e.g., relações de intimidade e familiares), que leva ao surgimento de uma nova conceção para o período que antecede a entrada na vida adulta.

No ano 2000, Arnett (2000) apresentou o conceito de adultez emergente, referindo-se a uma nova etapa de vida, compreendida entre os 18 e os 25 anos, com características distintas da adolescência e da adultez. Segundo o autor, este é um período de vida marcado pela autorrealização, com diferentes vivências a nível amoroso, profissional e de ideologias de vida, que acarreta, contudo, uma grande instabilidade. Apesar de não ser uma etapa universal, mas sim um período de vida heterogéneo, influenciado pelos valores e características socioculturais, as características da adultez emergente têm sido identificadas um pouco por todo o mundo, nomeadamente em Portugal (Balatel, 2017; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009). Tal como outros países do Sul da Europa, Portugal é caracterizado pela ausência de apoios estatais que antecipem a emancipação dos jovens. Por este motivo, a família assume um papel de maior destaque no apoio instrumental e emocional que confere aos adultos emergentes portugueses (Correia & Mota, 2016; Mota

& Rocha, 2012). Por tudo isto, a adulez emergente constitui não apenas uma etapa de vida marcada por vivências individuais e familiares, mas também um reflexo das características socioculturais que influenciam a perspetiva do que é ser adulto e, conseqüentemente, da forma como é vivida esta etapa de vida.

Em Portugal, a adulez emergente é uma etapa de vida pouco explorada empiricamente, sobretudo pela ausência de um instrumento que a permita caracterizar de uma forma mais aprofundada. Através da revisão da literatura efetuada, constatou-se que o *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007) é a medida mais conhecida e internacionalmente estudada no âmbito da identificação com os temas da adulez emergente. Assim, esta investigação tem como principal propósito desenvolver e analisar as propriedades psicométricas da versão portuguesa do IDEA, procurando contribuir para a compreensão da adulez emergente no contexto português.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Definição e Caracterização da Adulez Emergente: Período de Transição ou Etapa de Vida?

A partir da segunda metade do século XX, tal como já foi referido, as transformações nos contextos sociais implicaram alterações nos marcadores sociais que definiam a passagem para a vida adulta (Arnett, 2000, 2004). Até então, a transição para a adulez era um processo relativamente previsível (Tanner & Arnett, 2011), marcado pela concretização de marcos sociais de forma sequencial: fim dos estudos, saída de casa dos pais, casamento e parentalidade. Segundo Sousa (2004), era considerado um processo de transição estático e linear. Na década de setenta, nos Estados Unidos da América, os jovens com aproximadamente 21 anos de idade começavam a pensar no casamento e no nascimento do primeiro filho (Arnett, 2004). Contudo, diversas alterações sociais tais como o desenvolvimento da contraceção feminina, a aceitação de diferentes pares sexuais antes do casamento (Arnett, 2005) e o aumento da complexidade e competitividade laboral (Douglass, 2007) levaram a que os jovens prolongassem os seus estudos, adiassem o casamento e conseqüentemente o nascimento do primeiro filho (Arnett, 2004, 2005). Todas estas mudanças sociais e culturais permitiram assim uma multiplicidade de percursos e vivências que podem ser

assumidos entre o fim da adolescência e a entrada na vida adulta, de tal forma que o intervalo de tempo que separa os dois momentos deixa de constituir uma breve transição, para se passar a considerar uma nova etapa de vida, com características desenvolvimentais distintas (Arnett, 2004).

Na literatura são vários os contributos teóricos que permitem caracterizar o período de vida que antecede a entrada na adultez como uma fase da vida com desafios variados, onde diferentes cenários podem ser assumidos. Erikson (1968) fala na moratória psicossocial, fase durante a qual os jovens procuram o seu espaço na sociedade. Keniston (1971) defende que esta fase da vida é o momento para se continuar a exploração de identidade que se iniciou na adolescência. Por fim, Levinson (1978) sustenta que o período entre os 17 e os 33 anos é uma fase de grandes vivências e de várias mudanças, que contribuirão para a definição de uma estrutura de vida estável. São estes três contributos teóricos que Arnett (2000) destaca quando propõe a teoria da adultez emergente. Segundo o autor, esta é uma nova etapa de desenvolvimento, compreendida entre os 18 e os 25 anos¹, que se sustenta na variedade de diferenças demográficas, identitárias e subjetivas que ocorrem neste período (Arnett, 2007; Tanner & Arnett, 2011). Do ponto de vista demográfico destacam-se as diferentes possibilidades de coabitação, a passagem por diferentes empregos, a diversidade de percursos escolares e a mobilidade geográfica (Arnett, 2000), como resultado do menor controlo parental e da conseqüente liberdade de escolha que os adultos emergentes possuem. Quanto aos aspetos identitários, salienta-se a multiplicidade de vivências em áreas como o amor, o trabalho e as diferentes perspetivas de vida. Nos aspetos subjetivos, o autor realça a ambivalência em que os adultos emergentes se encontram, dado que já não se consideram adolescentes, mas ainda não reúnem todas as condições que julgam necessárias para se considerarem adultos. Estas conclusões configuram a adultez emergente como um período complexo, dependente não só de aspetos culturais, mas da sua articulação com fatores individuais, relacionais e familiares (Ferreira & Jorge, 2008; Tagliabue, Crocetti, & Lanz, 2015).

Com base nos dados recolhidos nas entrevistas com 300 estudantes

¹ Este período foi posteriormente alargado por Arnett (Arnett, Žukauskienė, & Sugimura, 2014) até aos 29 anos.

universitários americanos, entre os 18 e os 29 anos, de diferentes grupos étnicos, Arnett (2004) descreve a adultez emergente como um período (1) de exploração da identidade (i.e., possibilidade de vivenciar múltiplas experiências no amor, trabalho e ideologias de vida); (2) de instabilidade (i.e., período da vida onde as mudanças no amor e no trabalho são frequentes); (3) de autofoco (i.e., não se trata de um período de egocentrismo, mas apenas de uma fase em que há um menor controlo social, que possibilita a tomada de decisões independentes, mais do que em qualquer outra fase da vida); (4) de *feeling in-between* (i.e., a maioria dos jovens não se considera adolescente nem adulto) e (5) de possibilidades/otimismo (i.e., diferentes caminhos possíveis levam a que os adultos emergentes tenham esperança e otimismo face a objetivos futuros e a uma vida com melhores condições) (Arnett, 2004, 2005; Arnett, Žukauskienė, & Sugimura, 2014). Além desta caracterização da adultez emergente, Arnett (2004) conseguiu ainda identificar neste estudo os principais critérios que caracterizam um adulto, a saber: (1) ser responsável por si próprio; (2) tomar decisões independentes; (3) ser financeiramente independente. Contudo, é realçado o facto de estes serem critérios que se atingem de forma gradual e individual.

Apesar de haver evidências que sustentem a existência desta nova etapa desenvolvimental, a adultez emergente não pode ser considerada como uma etapa de vida universal e imutável, mas antes como uma realidade sujeita a determinadas condições culturais (Arnett, 2006; Arnett et al., 2014). Cada cultura apresenta as suas especificidades, com respetivos padrões normativos no que concerne aos estudos, às relações amorosas ou ao papel da família, por exemplo. Por este motivo, tal como salientam Tagliabue e colaboradores (2015), este é um período da vida dependente dos critérios específicos de cada cultura e da valorização que é dada a cada um deles. É, então, uma etapa de vida caracterizada pela heterogeneidade (Arnett, 2006), presente tanto nos países industrializados do Ocidente como em países asiáticos (e.g., Japão, Coreia do Sul) (Arnett, 2004).

Além das características individuais e culturais já mencionadas, não podemos considerar este período de vida sem ter em conta o papel que a família representa. Por este motivo, diferentes autores (e.g., Correia & Mota, 2016; Moore II & Shell, 2017; Mota & Rocha, 2012; Parra, Oliva, & Reina, 2015) têm procurado caracterizar o papel de diferentes variáveis familiares na

vivência da adultez emergente.

Uma das diferentes vivências da adultez emergente prende-se com a experiência habitacional dos jovens (i.e., vivem com pais/familiares, partilham casa, vivem sozinhos). Estas diferentes formas de coabitação são comuns a todos os países, porém, expressam-se de forma diferenciada em cada um deles, dadas as características socioculturais de cada país. Em todos os países há quem viva sozinho, com o(a) namorado(a) ou com os pais, mas a percentagem dos jovens que o faz varia de país para país. Na Dinamarca, por exemplo, mais de 80% dos jovens vive sozinho, contrastando com os cerca de 39% que o fazem em Portugal (Arundel & Ronald, 2016).

Com destaque para o processo de separação-indivuação que é característico desta etapa de vida, Tanner e Arnett (2011) atentam na forma como ocorre a reorganização dos papéis dentro da família nuclear. Como descrito por Arnett (2004, 2005), a entrada na adultez emergente implica a reestruturação de papéis e limites entre os jovens e os seus pais, o que permite aos jovens adquirirem uma maior autonomia e responsabilidade. Assim, os autores reforçam a ideia de que o modo como ocorre esta alteração e negociação de limites influencia a vivência da adultez emergente. De facto, a qualidade afetiva da relação entre pais e filhos surge como moderador do processo de individuação, onde uma maior proximidade relacional se traduz num menor índice conflitual e, consequentemente, numa maior satisfação com a relação (Mota & Rocha, 2012). Nesta lógica, um estudo levado a cabo por Parra e colaboradores (2015) mostra que a diminuição dos conflitos que se verificava numa fase avançada da adolescência, tende a intensificar-se, motivada pelo facto de os pais sentirem menos poder para interferir nas decisões dos filhos. Este ajuste de papéis familiares leva a que, à medida que o tempo passa, a relação entre pais e filhos se torne mais simétrica (Aquilino, 2006, in Parra et al., 2015).

Focado na relação existente entre o ambiente familiar e a qualidade da vinculação amorosa nos adultos emergentes, o estudo desenvolvido por Correia e Mota (2016) mostrou que a perceção de um ambiente familiar coeso e expressivo contribui para a qualidade das relações românticas, assente na confiança, e para um bom processo de individuação. Por fim, uma relação segura entre pais e filhos, baseada no apoio prestado e numa boa ligação emocional, constitui um papel significativo na promoção da autonomia e

individualidade dos adultos emergentes (Scabini, 2000). Contudo, apesar do papel importante que a família tem no desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos adultos emergentes, também as relações de amizade e amorosas se revestem de importância neste processo de separação-individação (Mota & Rocha, 2012; Tanner & Arnett, 2011).

1.2. Adulter Emergente na Europa e nos Estados Unidos: Diferenças e Semelhanças

A teoria da adulter emergente desenvolve-se e solidifica-se nos Estados Unidos mas Arnett (2006) afirma que também na Europa se identificam as cinco características principais da adulter emergente. Tal como referido, o adiamento do casamento e da parentalidade, a formação académica mais longa, a entrada tardia no mercado de trabalho e as explorações identitárias são traços salientes da adulter emergente que também se verificam nos países Europeus (Bulh & Lanz, 2007; Douglass, 2007).

Um estudo realizado por Douglass (2007) conclui que os adultos emergentes Europeus tendem a centrar-se no processo de individuação e exploração identitária antes de se comprometerem com as responsabilidades normativas da vida adulta, algo que acontece entre os 25 e os 30 anos, com o casamento e a parentalidade. Assim, tal como denotam Bulh e Lanz (2007), as transições biográficas registam-se em idades mais tardias na Europa do que nos Estados Unidos (por volta dos 30 anos). Esta evidência contribuiu para o alargamento da idade da adulter emergente, deixando de se considerar o período entre os 18-25 anos para se ter em conta o intervalo 18-29 anos (Arnett et al., 2014).

Apesar de presente nos dois continentes, a forma como se vive a adulter emergente nos Estados Unidos é diferente daquela que se vive nos países Europeus (Douglass, 2007). Comparando as transições demográficas dos adultos emergentes americanos com as dos Europeus, verificamos a existência de duas grandes diferenças, designadamente: (1) a idade de saída de casa dos pais; e (2) o nível do suporte prestado pela família (Arnett, 2006). Porém, também os países Europeus se revelam heterogéneos a este nível (Douglass, 2007). Nos países nórdicos da Europa, os adultos emergentes têm incentivos sociais para sair de casa dos pais e experienciar diferentes possibilidades de coabitação (Bulh & Lanz, 2007; Douglass, 2007), tornando-se indivíduos independentes e autossuficientes. Também nos países anglo-saxónicos os

adultos emergentes acabam os seus estudos mais cedo, passando a partilhar casa com amigos ou parceiros íntimos (Douglass, 2007). Contrariamente, nos países do Mediterrâneo, a conclusão tardia dos estudos leva a que o período de coabitação com os pais perdure, em alguns casos até ao casamento dos filhos (em média, 55% dos adultos emergentes destes países vive com os pais) (Arundel & Ronald, 2016; Bulh & Lanz, 2007; Douglass, 2005, 2007). Já nos países da Europa Central (e.g., França e Bélgica), é o próprio sistema de educação que possibilita que os jovens acabem os seus estudos e integrem, quase de imediato, o mercado de trabalho (Douglass, 2007).

Nos estudos para o desenvolvimento da teoria da adultez emergente, Arnett (2004) constatou que os adultos emergentes tendem a eleger a independência económica como um dos fatores mais importantes para que se identifiquem com o estatuto de adulto (Douglass, 2007; Ferreira & Jorge, 2008; Mendonça, et al., 2009). Porém, a dimensão económica não surge apenas como fator decisivo para que se conclua a etapa da adultez emergente, mas parece ter impacto na forma como esse período é vivenciado.

Considerando a adultez emergente como um período de vida marcadamente caracterizado pelas vivências e exploração de novos caminhos, surgem críticas quanto ao papel restritivo que as diferenças entre classes sociais podem assumir junto dos jovens. Bynner (2005) sustenta que a teoria proposta por Arnett (2000, 2004) não tem em consideração aspetos institucionais e sociais que influenciam a forma como os jovens vivem e, consequentemente, percecionam a vivência desta etapa de vida. Em resposta a Bynner, Arnett (2006) afirma que não está em causa a ausência de consideração dos fatores estruturais mas sim o peso que lhes é atribuído. Defende ainda que ao comparar as respostas obtidas em cada uma das dimensões da adultez emergente, assim como quais os marcadores que definem a entrada na vida adulta, não encontrou diferenças significativas em função da origem socioeconómica dos participantes.

A adultez emergente apresenta-se, assim, como um período de vida distinto, onde as contingências das sociedades atuais influenciam a forma como é vivido e percecionado pelos jovens. Deste modo, e por serem escassos os estudos sobre esta etapa de vida em Portugal, torna-se relevante investigar este período desenvolvimental no nosso país.

1.3. Instrumentos de Medida da Adulter Emergente: *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood*

A inexistência de um instrumento que permitisse avaliar a forma como se manifestam as características da adulter emergente conduziu Reifman, Arnett e Colwell (2007, 2016) a procurarem dar resposta a esta lacuna desenvolvendo um instrumento que permitisse avaliar as diferenças na identificação com os temas da transição para a idade adulta, em diferentes faixas etárias. É neste contexto que surge o *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA; Reifman et al., 2007).

O processo de construção do instrumento foi composto por três etapas: (1) um dos investigadores leu o artigo que introduziu a teoria da adulter emergente, fazendo o levantamento de frases/expressões que a poderiam descrever; (2) um segundo investigador fez sugestões de conceitos que poderiam ser incluídos e eliminados; (3) o primeiro investigador reuniu as sugestões fornecidas, elaborou um conjunto preliminar de itens para cada uma das dimensões da adulter emergente e partilhou-os com os seus alunos, de forma a recolher sugestões e opiniões. Definidos os itens, surgem os primeiros objetivos e hipóteses de investigação: (1) o instrumento deve ser aplicado não só ao intervalo entre os 18-29 anos, como também a sujeitos mais novos e mais velhos, de forma a testar o intervalo temporal que caracteriza a adulter emergente; (2) dadas as múltiplas ocupações que podem existir durante esse período, é importante incluir tanto adultos emergentes que estudem no ensino superior como os que não o fazem; (3) os participantes casados, com emprego remunerado ou que são financeiramente independentes deverão encarar este período da vida com um menor sentido de exploração, porque têm um maior nível de responsabilidade.

Quanto à sua estrutura, o IDEA é composto por 31 itens, distribuídos por seis dimensões, com uma escala de resposta do tipo *Likert* de quatro pontos. As dimensões que o compõem são as cinco originárias da teoria da adulter emergente (exploração da identidade, instabilidade, autofoco, possibilidades e *feeling in-between*) e uma adicional (foco nos outros), criada pelos autores do instrumento, por oposição à dimensão autofoco (Reifman et al., 2016).

De modo a proceder-se à validação da versão original do IDEA, foram realizados cinco estudos, com diferentes grupos etários, procurando avaliar,

para além das dimensões da adultez emergente, outros constructos individuais (e.g., satisfação com a vida; autocontrolo) e familiares (e.g., controlo parental).

As especificidades de cada estudo foram as seguintes: Estudo 1 – com participantes a partir dos 18 anos, que não fossem apenas estudantes, onde se procurou medir a satisfação com a vida e o autocontrolo; Estudo 2 – com uma amostra semelhante ao Estudo 1, incluindo pessoas com filhos, pretendeu-se avaliar os *possible selves* e a procura de novidade; Estudo 3 – centrado em idades entre os 13 e os 17 anos, colocou-se a ênfase nas questões de orientação para o futuro e do controlo parental; Estudo 4 – momento de teste-reteste das dimensões do IDEA, com estudantes universitários e, finalmente, Estudo 5 – com a aplicação das dimensões do IDEA, procurou-se comparar as respostas de estudantes do ensino superior e de não estudantes (Reifman et al., 2016).

Dos estudos efetuados, Reifman e colaboradores (2016) realçam os seguintes resultados: (1) as idades entre os 18 e os 29 anos tendem a obter maiores pontuações em diferentes dimensões do IDEA, quando comparadas com outras faixas etárias; (2) as dimensões do IDEA apresentam entre si uma correlação modesta (variando entre .32 e .57); (3) em termos de fiabilidade, o IDEA demonstrou bons valores de consistência interna em todas as dimensões, assim como a evidência de estabilidade temporal.

Uma vez construído e validado o instrumento, o IDEA foi sendo utilizado e adaptado em diversos países, de forma a caracterizar a adultez emergente em diferentes culturas, tal como aconteceu no México (Arias & Hernández, 2007), no Chile (Pérez, Cumsille, & Martínez, 2008) e na Grécia (Leontopoulou, Mavridis, & Giotsa, 2016) (cf. Anexo A).

1.4. A Adultez Emergente em Portugal

À semelhança de outros países do Sul da Europa, também em Portugal não existem apoios sociais e políticos fornecidos às famílias ou aos adultos emergentes que promovam a sua emancipação (Guerreiro & Abrantes, 2004). Consequentemente a esta falta de apoios, têm aumentado os níveis de dependência económica face à família de origem, assim como as situações de trabalho precário e a procura de ofertas laborais mais estáveis no estrangeiro (Vieira et al., 2015), o que, para diversos autores, se traduz na ausência de condições favoráveis à autonomia social dos jovens portugueses. Ainda que escassos, existem alguns trabalhos de investigação na área das Ciências

Sociais que contribuem para a caracterização da adultez emergente no contexto português. Para Guerreiro e Abrantes (2004), os jovens portugueses vivem a adultez emergente em dois momentos: um primeiro momento de exploração e ausência de compromissos, seguido de um segundo momento de estabilidade e compromisso com as responsabilidades, como o casamento e a parentalidade, o que acontece com a entrada na terceira década de vida. Desta forma, podemos definir dois tipos de transições demográficas: as de cariz público (e.g., estudos e trabalho) e privado (e.g., casamento, coabitação e parentalidade), chegando à conclusão que a esfera privada é adiada em prol da realização da esfera pública (Guerreiro & Abrantes, 2007; Ramos, 2018). Num outro estudo realizado em Portugal, com base num conjunto de entrevistas que procurava caracterizar as trajetórias de vida dos jovens portugueses, Ferreira e Jorge (2008) identificaram o otimismo e a ambivalência face ao estatuto de adulto, como características destes jovens. À semelhança do que foi descrito por Arnett (2000, 2004), também os jovens portugueses apontam a autonomia na tomada de decisão, a capacidade de se responsabilizarem por si e a independência económica como os principais fatores para se considerarem adultos (Ferreira & Jorge, 2008). Com o objetivo de perceber se o período que antecede a entrada na vida adulta em Portugal é perspectivado de modo diferente ao longo dos anos, Ramos (2018) procurou comparar esta etapa de vida ao longo das últimas décadas. Deste trabalho, resultaram três conclusões importantes, designadamente: (1) os jovens tendem a adiar os eventos da esfera privada, em prol da concretização dos eventos do eixo público; (2) à semelhança do que acontece na Europa, também em Portugal existe a idealização de um percurso linear e seguro até à entrada na adultez, com uma sequência curta entre a saída de casa dos pais, o início de um relacionamento conjugal estável e o nascimento do primeiro filho; (3) as classes sociais tendem a moldar a forma como esta etapa de vida é experienciada.

Segundo Mendonça e colaboradores (2009), é possível encontrar na sociedade portuguesa a manifestação da adultez emergente tal como proposta por Arnett (2000, 2004). A confirmar esta afirmação surgem as conclusões de um trabalho de investigação realizado por Balatel (2017), que desenvolveu em Portugal os primeiros estudos psicométricos da versão reduzida do IDEA (IDEA-8). Contudo, apesar de este se ter revelado um bom instrumento para

avaliar os processos psicológicos inerentes à adultez emergente, constitui apenas um contributo inicial para caracterização desta etapa de vida no contexto português. Assim, e com o objetivo de contribuir para uma compreensão mais aprofundada desta etapa de desenvolvimento, a presente investigação procura analisar as qualidades psicométricas da versão original do IDEA (Reifman et al., 2007).

II - Objetivos

O principal objetivo desta investigação é desenvolver e analisar as propriedades psicométricas da versão portuguesa do *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* – IDEA (Reifman et al., 2007), numa amostra de adultos emergentes portugueses. Assim, no âmbito dos estudos de adaptação deste instrumento, pretende-se especificamente:

- analisar a consistência interna da versão portuguesa do IDEA, com recurso ao valor de alfa de *Cronbach*;
- analisar a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste);
- executar uma análise fatorial exploratória de forma a comparar a estrutura da escala original com a respetiva versão portuguesa;
- avaliar a validade convergente do IDEA com o Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto* (DSI-R) e a subescala Conectividade da Escala de Perspetiva Temporal de Futuro (FTPS).

É, ainda, objetivo deste estudo:

- analisar os resultados da versão portuguesa do IDEA em função de variáveis sociodemográficas, como a escolaridade, as formas de coabitação e o rendimento do agregado familiar.

III - Metodologia

Nesta secção estão descritos, de modo sequencial, as diferentes etapas adotadas de forma a dar resposta aos objetivos anteriormente definidos. Primeiramente, estão descritos os procedimentos de investigação e de recolha de amostra, assim como a sua caracterização. De seguida, encontra-se a descrição de cada um dos instrumentos do protocolo de investigação. Por fim, são apresentados os procedimentos estatísticos efetuados.

3.1 Procedimentos de Investigação e Recolha de Amostra

A presente investigação iniciou-se com o contacto aos autores originais do IDEA, a fim de pedir autorização para a sua utilização no contexto português. Depois de obtida a autorização para a tradução, adaptação e realização dos estudos psicométricos, seguiu-se a definição do protocolo de investigação, dos critérios de inclusão e dos métodos de recolha da amostra. Os critérios de inclusão utilizados foram: (1) ter idade compreendida entre os 18 e os 30 anos², inclusive; e (2) possuir nacionalidade Portuguesa. Foi ainda elaborado um documento com a apresentação do estudo e recolha do Consentimento Informado (cf. Anexo B) de modo a informar os participantes acerca dos objetivos do estudo, do carácter voluntário da participação, da garantia de anonimato e ainda da confidencialidade dos dados prestados.

O processo de adaptação do IDEA teve início com a tradução e retroversão do instrumento, seguindo as orientações de Gjersing, Caplehorn e Clausen (2010), envolvendo seis momentos distintos: (1) tradução do instrumento original (inglês-português); (2) síntese das versões traduzidas; (3) retroversão da versão sintetizada (português-inglês); (4) síntese das versões retrovertidas; (5) discussão e avaliação da tradução portuguesa resultante deste processo; (6) realização de um estudo-piloto, com oito participantes, de forma a avaliar a sua compreensão do instrumento.

Definida a versão final do IDEA, procedeu-se à construção do protocolo de investigação. Para tal foram discutidos e analisados os constructos que deveriam ser usados para avaliar a validade convergente do instrumento, assim como aqueles que estavam teoricamente associados com o nosso objeto de estudo. Seguidamente, foram selecionados instrumentos validados para a população portuguesa que medissem tais constructos.

Concluída a organização do protocolo de investigação, deu-se início à recolha dos dados, através de um método de amostragem por conveniência. A recolha de amostra decorreu entre dezembro de 2017 e abril de 2018, através de dois métodos de recolha: presencialmente ($n = 92$) e *online* ($n = 238$), elaborado na plataforma *LimeSurvey*. A divulgação do protocolo na versão tradicional de papel e lápis foi efetuada pelo método “bola de neve”, através

² Apesar de a adulez emergente ser compreendida entre os 18 e os 29 anos, optou-se por incluir um intervalo de idades até aos 30 anos tendo em conta a idade média do casamento e do início da parentalidade em Portugal.

da rede de contactos pessoal. Quanto à versão *online*, o presente estudo foi divulgado em diferentes plataformas (e.g., *Facebook*, *Instagram*, *email* de Núcleos de Estudantes Universitários) de modo a abranger participantes de diferentes distritos de residência e em diferentes situações laborais.

3.2 Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por 330 sujeitos, 203 do sexo feminino (61.5%) e 127 do sexo masculino (38.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 22.88$; $DP = 3.02$). A amostra é composta por 319 participantes (95.4%) residentes em Portugal Continental, 11 (3.3%) nas Regiões Autónomas e 4 (1.2%) encontram-se emigrados, distribuídos por áreas urbanas ($n = 162$, 49.1%), moderadamente urbanas ($n = 100$, 30.3%) e rurais ($n = 68$, 20.6%). A maioria dos participantes encontra-se solteiro ($n = 169$, 51.2%), é estudante ($n = 194$, 58.8%) e reside com familiares ($n = 194$, 58.8%). Em relação ao nível de escolaridade dos participantes, a maioria dos sujeitos concluiu uma licenciatura ($n = 134$, 40.6%), seguido do 12º ano ($n = 107$, 32.4%). A maioria dos sujeitos pertence a um agregado familiar de nível socioeconómico médio ($n = 207$, 62.7%) (cf. Tabela 1).

Questionados sobre o facto de já terem atingido o estatuto de adulto, a grande maioria dos participantes ($n = 219$, 66.4%) considera que em alguns aspetos sim e noutros ainda não (cf. Tabela 2).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

		<i>n</i>	Percentagem %
Sexo	Feminino	203	61.5
	Masculino	127	38.5
Idade	18-23	213	64.5
	24-30	117	35.5
Estado civil	Solteiro(a)	169	51.2
	Numa relação de namoro	146	44.2
	União de facto	11	3.3
	Casado(a)	4	1.2
Escolaridade (concluída)	9º ano	13	3.9
	12º ano	107	32.4
	Curso profissional	14	4.2
	Licenciatura	134	40.6
	Mestrado	59	17.9
	Doutoramento	0	0
	Outro	3	0.9
Situação laboral	Estudante	194	58.8
	Trabalhador	79	23.9
	Trabalhador-estudante	39	11.8
	Sem ocupação	18	5.5
Residência	Portugal Continental	319	95.4
	Regiões Autónomas	11	3.3
	Estrangeiro/Emigrados	4	1.2
Zona de residência	Urbana	162	49.1
	Moderadamente urbana	100	30.3
	Rural	68	20.6
Forma de coabitação	Familiares (pais/figuras parentais)	194	58.8
	Pares (residências, amigos)	60	18.2
	Namorado(a)	39	11.8
	Sozinho(a)	37	11.2
Nível socioeconómico	Baixo	54	16.4
	Médio	207	62.7
	Alto	67	20.3
	<i>Missings</i>	2	0.6

Tabela 2. Dados da amostra relativamente ao estatuto de adulto

Considera que atingiu o estatuto de adulto?	<i>n</i>	Percentagem %
Sim	84	25.5
Não	27	8.2
Em alguns aspetos sim, noutros aspetos não	219	66.4

3.3 Instrumentos

O protocolo de investigação do presente estudo é constituído por um Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares e por seis instrumentos de autorresposta.

3.3.1 Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Elaborado pela equipa de investigação, o Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares tem como objetivo recolher um conjunto de informações que permita caracterizar o perfil dos participantes e da sua família. Assim, são recolhidas algumas informações demográficas relativas ao sujeito (e.g., sexo, idade, situação relacional atual, situação ocupacional atual, constituição do agregado familiar) e aos seus pais (nível de escolaridade, profissão e rendimento mensal líquido do agregado).

3.3.2 *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007)*

O IDEA (Reifman, Arnett, & Colwell, 2007) procura avaliar a identificação com os temas da transição para a idade adulta. Na sua versão original, o IDEA é composto por 31 itens, divididos por seis dimensões, com uma escala de resposta do tipo *Likert* de quatro pontos, que varia entre 1 (*Discordo fortemente*) e 4 (*Concordo fortemente*), onde maiores pontuações correspondem a uma maior identificação com os temas da adultez emergente. Nos estudos originais, o IDEA revelou boas qualidades psicométricas (consistência interna e teste-reteste) e correlações positivas com os constructos usados para avaliar a validade convergente (orientação para o futuro e *possible selves*). Considerando o coeficiente de consistência interna (alfa de *Cronbach*), as dimensões do IDEA registaram os seguintes valores: Exploração da Identidade ($\alpha = .85$); Possibilidades ($\alpha = .83$); Instabilidade ($\alpha = .82$); *Feeling in-between* ($\alpha = .80$); Autofoco ($\alpha = .70$); e Foco nos outros ($\alpha = .73$). Na presente investigação, o IDEA obteve um coeficiente de consistência interna de $\alpha = .84$ para a escala total.

3.3.3 *Hopes and Fears Questionnaire* (HFQ; Nurmi, Poole, & Seginer, 1990; versão portuguesa de Fonseca et al., 2018)

O HFQ constitui a versão portuguesa do *Hopes and Fears Questionnaire* (Nurmi, Poole, & Seginer, 1990), validada por Fonseca e colaboradores (2018). Este é um instrumento de resposta aberta, que procura avaliar a orientação para o futuro, onde os sujeitos devem indicar quais as Expectativas e Receios em relação ao seu futuro. Neste protocolo, apenas foram solicitadas as Expectativas.

Para responderem, os participantes têm à sua disposição um total de 10 campos onde devem indicar quais as expectativas relativamente ao seu futuro e a respetiva idade/ano em que julgam possível a concretização de cada expectativa, de forma a avaliar a sua extensão temporal. A análise das repostas é feita através do seu conteúdo temático, sendo codificadas segundo 14 domínios de vida: educação; trabalho/carreira; família/casamento; lazer e viagens; amigos e pares; relacionamento com a família; saúde/morte do próprio; saúde/morte de familiares; assuntos diversos; propriedade; problemas globais; guerra e paz; autonomia e estabilidade; recursos financeiros. Nos estudos de validação portugueses, as Expectativas que se perspectivam realizar mais cedo (extensão temporal) são as relacionadas com a educação, seguida do trabalho/carreira. Em último lugar surge a família/casamento.

3.3.4 Escala de Perspetiva Temporal de Futuro (FTPS; Husman & Shell, 2008; versão portuguesa de Miguel, Paixão, Silva, & Machado, 2017)

No sentido de avaliar a perspetiva do participante em relação ao tempo futuro, foi administrada a versão portuguesa da *Future Time Perspective Scale* (FTPS; Husman & Shell, 2008; Miguel, Paixão, Silva, & Machado, 2017). Composta por 27 itens, distribuídos em torno de quatro subescalas (Valor, Conectividade, Extensão e Rapidez), as respostas são cotadas numa escala de *Likert*, que varia entre 1 (*Discordo muito*) e 5 (*Concordo muito*). Pontuações superiores indicam uma melhor capacidade do sujeito para estabelecer ligações entre as atividades atuais e os seus objetivos futuros. Relativamente à análise de consistência interna, os autores originais obtiveram valores respeitáveis de alfa de *Cronbach* para a escala total ($\alpha = .70$) e para cada uma das quatro subescalas (Valor, $\alpha = .72$; Conectividade, $\alpha = .82$; Extensão, $\alpha = .74$; e Rapidez, $\alpha = .72$).

Com o objetivo de analisar a tendência para associar as atividades do presente e os objetivos futuros, consta deste protocolo apenas a subescala Conectividade (10 itens), que permite avaliar as preocupações dos participantes face às consequências que as suas escolhas podem ter a longo prazo. A consistência interna da subescala Conectividade, no presente estudo, registou um valor de $\alpha = .83$.

3.3.5 Inventário da Diferenciação do *Self*-Revisto (DSI-R; Sloan & Dierendonck, 2016; versão portuguesa de Relvas, Fonseca, Baião-Tragedo, Major, & Rodriguez-González, 2017)

Para avaliar a diferenciação do *self* do participante recorreu-se à versão reduzida do Inventário da Diferenciação do *Self*-Revisto (Relvas, Fonseca, Baião-Tragedo, Major, & Rodriguez-González, 2017), a versão portuguesa do *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R; Sloan & Dierendonck, 2016). O DSI-R é um instrumento de autorresposta que procura avaliar a diferenciação do *self*, através das relações significativas atuais dos indivíduos. A versão original conta com 46 itens, distribuídos ao longo de quatro fatores [Fator 1: Reatividade Emocional (RE); Fator 2: Posição do “Eu” (PE); Fator 3: *Cut-Off* Emocional (CE); Fator 4: Fusão com os Outros (FO)], cujas respostas são registadas numa escala do tipo *Likert* de seis pontos, onde 1 corresponde a *Nada verdadeiro para mim* e 6 a *Muito verdadeiro para mim*.

A versão utilizada neste estudo foi a versão reduzida de 20 itens (Sloan & Dierendonck, 2016), que apresenta a mesma estrutura fatorial descrita acima. Segundo os autores, a versão reduzida revelou uma consistência interna aceitável (valor de alfa de *Cronbach*), tanto para a escala total ($\alpha = .90$), como para os respetivos fatores (RE, $\alpha = .85$; PE, $\alpha = .70$; CE, $\alpha = .76$; FO, $\alpha = .76$). Neste estudo, a escala total obteve um valor de $\alpha = .82$.

3.3.6 *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton et al., 2014; versão portuguesa de Vilaça, Silva, & Relvas, 2014)

De forma a avaliar diversos aspetos do funcionamento familiar, foi aplicada a versão portuguesa do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton et al., 2014; Vilaça, Silva, & Relvas, 2014).

À semelhança da versão original de 15 itens, a versão portuguesa é composta por 15 itens, distribuídos de forma igualitária por três dimensões

familiares: Recursos Familiares (RF), Comunicação na Família (CF) e Dificuldades Familiares (DF). As respostas são registadas numa escala de *Likert* de cinco níveis, conforme o grau em que cada afirmação descreve a família do participante, indo de 1 (*muito bem*) a 5 (*muito mal*).

Das análises realizadas na versão original, a escala total apresenta uma boa consistência interna (alfa de *Cronbach* de .84), assim como cada uma das três dimensões (RF, $\alpha = .85$; CF, $\alpha = .83$; DF, $\alpha = .82$). No presente estudo, a escala total apresenta igualmente bons valores de consistência interna ($\alpha = .93$).

3.3.7 Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985; versão portuguesa de Neto, 1993)

A Escala de Satisfação com a Vida (Neto, 1993) é a versão portuguesa da *Satisfaction With Life Scale* (SWLS; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985). Este é um instrumento de autorrelato que procura aferir o grau de satisfação do participante com a sua vida.

Relativamente à sua estrutura, a SWLS é composta por cinco itens, onde o participante deve indicar o grau de acordo com cada uma das afirmações através de uma escala do tipo *Likert* de sete pontos, que varia entre *Fortemente em desacordo* (1) e *Fortemente em acordo* (7). Maiores pontuações correspondem a uma maior satisfação com a vida.

Das análises fatoriais realizadas pelos autores originais, verificou-se a existência de um coeficiente de consistência interna (alfa de *Cronbach*) de .87, próximo daquele que se obteve neste estudo ($\alpha = .85$). Os primeiros estudos de validação da escala para Portugal foram levados a cabo por Neto, Barros e Barros (1990), onde se obteve um valor de consistência interna satisfatório (alfa de *Cronbach* de .78). Outros estudos com a população portuguesa (Neto, 1993; Simões, 1992) corroboraram os resultados encontrados por Diener e colaboradores (1985), revelando boas qualidades psicométricas da escala.

3.4 Análises Estatísticas

O registo, processamento e análise estatística dos dados recolhidos foram realizados com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.

Primeiramente foi verificada a normalidade dos dados recolhidos, com recurso aos valores de assimetria e curtose (Kim, 2013). Cumprido o requisito da normalidade, optou-se pela utilização de testes paramétricos nas diferentes análises subsequentes (Martins, 2011).

Com o objetivo de verificar a existência de diferenças significativas nos dois métodos de recolha de dados, realizou-se um teste *t* para amostras independentes (teste *t de Student*), não tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os resultados recolhidos *online* ($M = 97.24$; $DP = 9.95$) e presencialmente [$M = 95.17$; $DP = 11.03$], $t(328) = -1.636$, $p = .103$]. Com base nestes resultados, as análises posteriores foram realizadas sem diferenciação entre subgrupos.

De seguida, efetuou-se uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), com recurso ao método de extração de Análise de Componentes Principais, para avaliar a validade de constructo do instrumento. Quanto à precisão, a mesma foi avaliada através da determinação do valor de alfa de *Cronbach* e do método de análise da estabilidade temporal (teste-reteste).

Posteriormente foram realizadas análises estatísticas descritivas de forma a caracterizar a amostra e os resultados obtidos nos diferentes instrumentos aplicados. Para a caracterização da amostra foi necessário o agrupamento de algumas variáveis sociodemográficas (e.g., idade, situação relacional, situação laboral, nível socioeconómico). Para a idade foram criados dois grupos etários (18-23; 24-30) com base no intervalo de idades utilizado na validação original do IDEA (Reifman et al., 2007, 2016). A classificação utilizada para o nível socioeconómico (NSE) dos agregados familiares foi a sugerida por Simões (2000), com recurso à profissão e ao nível de escolaridade dos pais dos participantes.

Por fim, foram realizadas correlações entre as pontuações do IDEA (pontuação total e por dimensão) e os vários instrumentos aplicados.

IV – Resultados

4.1 Validade de Constructo

De forma a avaliar a validade de constructo realizou-se uma Análise Fatorial Exploratória, através do método de Análise de Componentes Principais, seguida da rotação Varimax. Inicialmente, averiguou-se a adequação da utilização do método de análise fatorial escolhido, tendo em conta o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do Teste de Esfericidade de Bartlett (Pallant, 2005). Considerando a matriz de correlações gerada, confirmou-se a adequação da amostra para a análise efetuada [KMO = .81; $\chi^2 = 3485.02, p < .001$]. Para a extração dos fatores, foi considerado o critério de Kaiser (1974, in Pallant, 2005), segundo o qual apenas devem ser retidos os fatores que obtiverem *eigenvalues* superiores a 1. Assim, a rotação Varimax revelou uma estrutura fatorial constituída por 7 fatores, explicando 57.30% da variância total. Porém, ao analisar a curva do *scree plot* gerado, foram encontradas algumas ambiguidades na interpretação, pelo que se optou por proceder à extração de 6 fatores, indo ao encontro da estrutura original do instrumento. Esta estrutura fatorial gerada explica 53,59% da variância total (cf. Tabela 3).

Comparando a estrutura fatorial obtida com a proposta original dos autores (Reifman et al., 2007), constatou-se que apenas as dimensões Instabilidade e *Feeling in-between* mantiveram a mesma composição. As restantes quatro dimensões sofreram alterações provocadas pela redistribuição de quatro itens, nomeadamente: item 5 (*tempo de liberdade pessoal*); item 7 (*tempo de responsabilidade consigo próprio/a*); item 10 (*tempo de otimismo*); item 23 (*tempo de se separar dos pais*). Assim, nenhum item foi eliminado, pelo que a versão final do instrumento é constituída por 31 itens.

Tabela 3. Análise fatorial exploratória (rotação Varimax) do IDEA

Itens	Fatores					
	1	2	3	4	5	6
11	.737					
20	.736					
8	.735					
9	.716					
3	.631					
17	.581					
6	.517					
27		.805				
26		.789				
24		.711				
28		.675				
12		.611				
25		.445				
1			.678			
2			.671			
21			.624			
4			.596			
16			.591			
10			.572			
5			.492			
14				.718		
18				.703		
13				.646		
7				.594		
29					.784	
30					.750	
31					.600	
19						.682
15						.667
23						.632
22						.375
% variância explicada	11.83	11.30	10.22	7.74	6.56	5.94

4.2 Precisão

A precisão (fiabilidade) do IDEA foi avaliada através do cálculo da consistência interna (alfa de *Cronbach*) e da estabilidade temporal (teste-reteste). Na presente investigação, o valor do alfa de *Cronbach* foi de $\alpha = .84$ que, segundo DeVellis (2012), é classificado como “muito bom”. A estabilidade temporal foi determinada através do coeficiente de correlação de Pearson (r) entre os valores da primeira e da segunda administração do instrumento, com um intervalo de um mês. Deste cálculo, obteve-se um

resultado estatisticamente significativo [$r = .78$, $n = 92$, $p < .001$], que corresponde a uma correlação de magnitude “grande”, segundo Cohen (1988) (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Estudos de precisão do IDEA

	Estudo original	Presente investigação
α de Cronbach		
Escala total	-	.84
Instabilidade	.82	.81
Exp. Identidade	.85	.82
Possibilidades	.83	.76
Foco nos Outros	.73	.65
<i>Feeling in-between</i>	.80	.74
Autofoco	.70	.55
Teste-reteste (1 mês)	.64 a .76 ¹	.78

¹Os coeficientes de correlação variaram entre $r = .64$ e $r = .76$, com a exceção da dimensão *Feeling in-between*, que obteve um valor de $r = .37$ (Reifman et al., 2016).

4.3 Análises Descritivas dos Instrumentos

Primeiramente, procedeu-se à realização das análises descritivas dos instrumentos que compunham o protocolo de investigação.

Tabela 5. Estatísticas descritivas da subescala Conectividade (FTPS)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Conectividade	4.13	0.64	1-5

Tabela 6. Estatísticas descritivas das dimensões do DSI-R

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Reatividade Emocional	3.43	1.17	1-6
Posição do “Eu”	3.95	0.72	1-6
<i>Cut-Off</i> Emocional	4.80	0.92	1-6
Fusão com os Outros	4.19	1.03	1-6

Tabela 7. Estatísticas descritivas das dimensões do SCORE-15

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Recursos Familiares	2.13	0.93	1-5
Comunicação na Família	2.15	0.84	1-5
Dificuldades Familiares	2.10	0.86	1-5

Tabela 8. Estatísticas descritivas da pontuação total da SWLS

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
SWLS	23.38	6.51	5-35

Tabela 9. Estatísticas descritivas do IDEA (por item, dimensão e escala total)

Pontuações (IDEA)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Assimetria	Curtose	Correlação Item-Total Corrigida ¹	Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for eliminado
Pontuação total	96.66	10.29	-.32	.73		
Instabilidade	20.82	3.85	-.43	-.10		
Item 3	3.12	0.84	-.75	-.02	.40	.83
Item 6	2.07	0.84	.17	-.96	.11	.84
Item 8	3.12	0.82	-.75	.13	.33	.84
Item 9	2.85	0.88	-.38	-.56	.37	.83
Item 11	3.25	0.79	-.77	-.04	.41	.83
Item 17	3.18	0.71	-.53	.07	.38	.83
Item 20	3.22	0.74	-.67	-.003	.42	.83
Exp. da Identidade	19.74	3.44	-.86	.55		
Item 12	3.18	0.91	-.87	-.12	.47	.83
Item 24	3.30	0.74	-.95	.81	.54	.83
Item 25	3.49	0.60	-.74	-.42	.35	.84
Item 26	3.22	0.78	-.91	.61	.54	.83
Item 27	3.15	0.90	-.97	.26	.54	.83
Item 28	3.39	0.80	-1.29	1.12	.49	.83
Possibilidades	22.50	3.28	-.54	.37		
Item 1	3.21	0.74	-.63	-.06	.24	.84
Item 2	3.28	0.74	-.90	.65	.37	.84
Item 4	3.27	0.73	-.89	.81	.44	.83
Item 5	3.08	0.76	-.60	.19	.20	.84
Item 10	3.10	0.74	-.57	.18	.11	.84
Item 16	3.22	0.73	-.79	.66	.35	.84
Item 21	3.33	0.69	-.77	.28	.49	.83
Foco nos Outros	12.47	2.18	-.46	.47		
Item 7	3.61	0.57	-1.37	1.92	.29	.84
Item 13	2.67	1.00	-.16	-1.04	.16	.84
Item 14	3.14	0.77	-.69	.19	.31	.84
Item 18	3.04	0.73	-.45	.07	.30	.84
Feeling in-between	8.81	2.37	-.57	-.22		
Item 29	2.78	1.02	-.39	-.95	.35	.84
Item 30	3.30	0.85	-1.18	.83	.47	.83
Item 31	2.73	1.04	-.32	-1.07	.43	.83
Autofoco	12.33	2.08	-.18	-.32		
Item 15	3.24	0.72	-.65	.07	.28	.84
Item 19	2.98	0.82	-.44	-.38	.18	.84
Item 22	3.30	0.70	-.76	.36	.41	.83
Item 23	2.80	0.93	-.47	-.58	.19	.84

¹ Os valores assinalados a itálico correspondem a itens com valores inferiores ao desejável (.30).

A subescala Conectividade do FTPS obteve uma pontuação média de 4.13 ($DP = 0.64$) (cf. Tabela 5). As dimensões do DSI-R obtiveram as seguintes pontuações: a Reatividade Emocional obteve uma média de 3.43 ($DP = 1.17$), a Posição do “Eu” 3.95 ($DP = 0.72$), o *Cut-Off* Emocional 4.80 ($DP = 0.92$) e a Fusão com os Outros 4.19 ($DP = 1.03$) (cf. Tabela 6). As dimensões do SCORE-15 pontuaram do seguinte modo: Recursos Familiares registou uma pontuação média de 2.13 ($DP = 0.93$), a Comunicação na Família 2.15 ($DP = 0.84$) e as Dificuldades Familiares 2.10 ($DP = 0.86$) (cf. Tabela 7). Na SWLS a pontuação média foi de 23.38 ($DP = 6.51$) (cf. Tabela 8). No IDEA a pontuação média registada para a escala total foi de 96.66 ($DP = 10.29$), num total de 124 pontos possíveis. Considerando as várias dimensões do instrumento, aquela que obteve maior pontuação média foi a dimensão Possibilidades ($M = 22.50$; $DP = 3.28$), seguida da dimensão Instabilidade ($M = 20.82$; $DP = 3.85$), ao passo que a dimensão *Feeling in-between* foi a que registou uma menor pontuação média ($M = 8.81$; $DP = 2.37$) (cf. Tabela 9).

4.4 Validade Convergente

A análise da validade convergente foi efetuada com recurso ao método de correlação de Pearson, de forma a compreender a relação entre a identificação com a adultez emergente (IDEA), a orientação para o futuro (subescala Conectividade da FTPS) e a diferenciação do *self* (DSI-R). Calculados os coeficientes de correlação entre o IDEA e o FTPS ($r = .159$, $p = .004$) e o IDEA e o DSI-R ($r = -.207$, $p < .001$), evidenciaram-se, segundo Cohen (1988), associações de “pequena” magnitude (cf. Tabela 10).

Tabela 10. Correlações entre o IDEA e as escalas FTPS e DSI-R

	FTPS	DSI-R
IDEA (escala total)	.159*	-.207**
Instabilidade	.029	-.349*
Exp. Identidade	.191*	-.186*
Possibilidades	.057	.099
Foco nos Outros	.196*	.019
<i>Feeling in-between</i>	.029	-.206*
Autofoco	.088	-.014

* $p < .01$

** $p < .001$

4.5 Correlações entre os Instrumentos

Além das correlações efetuadas para avaliar a validade convergente do IDEA, realizaram-se ainda outras correlações entre o IDEA e outros instrumentos constantes do protocolo, nomeadamente a SWLS, o SCORE-15 e o HFQ. Considerando as dimensões do IDEA e as pontuações da SWLS salientam-se dois aspetos: por um lado, os indivíduos que pontuam mais na dimensão Instabilidade pontuam menos na escala de satisfação com a vida ($r = -.207$, $p < .01$) e, por outro, os que pontuam mais na dimensão Possibilidades apresentam níveis maiores de satisfação com a vida ($r = .325$, $p < .01$) (cf. Tabela 11).

Tabela 11. Correlações entre as dimensões do IDEA e a SWLS

	Dimensões IDEA					
	1	2	3	4	5	6
SWLS	-.207**	.124*	.325**	.168**	.124*	.042

* $p < .05$

** $p < .01$

Dimensões IDEA: Instabilidade (1); Exp. Identidade (2); Possibilidades (3); Foco nos Outros (4); *Feeling in-between* (5); Autofoco (6)

Apesar de não se terem verificado correlações significativas entre a pontuação total do IDEA e a pontuação total do SCORE-15 ($r = -.067$, $p = .223$), existem correlações positivas entre a dimensão Instabilidade do IDEA e as dimensões Recursos Familiares ($r = .193$, $p < .01$) e Comunicação na Família ($r = .171$, $p < .01$) do SCORE-15. À semelhança do que aconteceu com o SCORE-15, também não se registaram correlações significativas entre a pontuação total do IDEA e a pontuação total do HFQ ($r = .040$, $p = .485$). Contudo, foram encontradas algumas correlações estatisticamente significativas entre alguns domínios de vida e as dimensões do IDEA (cf. Tabela 12).

Tabela 12. Correlações entre as dimensões do IDEA e os domínios de vida (HFQ)

Domínios de vida	Dimensões IDEA					
	1	2	3	4	5	6
Lazer/desportos	-.054	.111	.178**	-.050	.006	.078
Relacionamento com família	.085	-.044	-.162**	-.056	.056	.024
Saúde/morte do próprio	.091	-.213**	-.091	-.105	-.067	-.034
Propriedade	-.074	-.067	-.018	.019	-.118*	.028
Autonomia/Estabilidade	.011	.033	-.036	-.118*	-.005	-.024
Recursos financeiros	.065	.060	.012	-.150**	.077	.022

* $p < .05$ ** $p < .01$ Dimensões IDEA: Instabilidade (1); Exp. Identidade (2); Possibilidades (3); Foco nos Outros (4); *Feeling in-between* (5); Autofoco (6)

4.6 Comparações Sociodemográficas

De modo a dar resposta ao último objetivo da presente investigação foram comparadas as pontuações (totais e por dimensão) do IDEA com variáveis sociodemográficas que mostraram ter impacto na identificação com a adultez emergente noutros estudos.

4.6.1 Sexo e Idade

Quanto ao sexo não foram registadas diferenças estatisticamente significativas entre homens ($M = 95.31$, $DP = 10.61$) e mulheres [$M = 97.50$, $DP = 10.02$], $t(328) = 1.89$, $p = .06$]. Contudo, consideradas as dimensões do IDEA, as mulheres tendem a pontuar mais nas dimensões Instabilidade e Foco nos Outros, ao passo que homens pontuam mais nas Possibilidades.

No que diz respeito aos dois grupos etários em análise existem diferenças entre ambos, com os jovens do grupo 18-23 anos a mostrar maior identificação com a adultez emergente quando comparados com os do grupo 24-30 anos (cf. Tabela 13).

Tabela 13. Pontuações médias (e desvio-padrão) do IDEA por sexo e idade

	Sexo		Idade	
	Masculino	Feminino	18-23	24-30
IDEA (escala total)	95.31 (10.61)	97.50 (10.02)	97.60 (9.88)*	94.95 (10.82)
Instabilidade	19.86 (3.77)	21.42 (3.78)**	21.11 (3.75)	20.30 (3.98)
Exp. Identidade	19.44 (3.70)	19.92 (3.48)	20.03 (3.14)*	19.20 (3.87)
Possibilidades	23.03 (2.81)*	22.16 (3.50)	22.82 (3.27)*	21.91 (3.21)
Foco nos Outros	12.05 (2.26)	12.73 (2.09)*	12.45 (2.12)	12.50 (2.30)
<i>Feeling in-between</i>	8.59 (2.25)	9.95 (2.43)	9.20 (2.08)**	8.10 (2.69)
Autofoco	12.35 (2.06)	12.32 (2.09)	12.00 (2.04)	12.93 (2.00)**

* $p < .05$ ** $p < .001$

4.6.2 Escolaridade e Nível Socioeconómico do Agregado Familiar

Relativamente ao nível de escolaridade dos participantes não foram registadas diferenças significativas [$F(5,324)=1.49, p = .19$].

Quanto ao nível socioeconómico do agregado familiar, os adultos emergentes com um NSE elevado pontuam mais a nível das Possibilidades e da Exploração da Identidade, quando comparados com os de NSE baixo. A nível das Possibilidades verifica-se a mesma tendência, com os jovens de NSE médio a pontuar mais do que aqueles que pertencem ao NSE baixo (cf. Tabela 14).

Tabela 14. Pontuações médias (e desvio-padrão) do IDEA por NSE

	Nível socioeconómico		
	Baixo	Médio	Elevado
IDEA (escala total)	93.69 (9.96)	96.80 (10.13)	98.63 (10.77)*
Instabilidade	20.98 (3.96)	20.90 (3.96)	20.54 (3.42)
Exp. Identidade	18.63 (3.28)	19.84 (3.36)	20.31 (3.69)*
Possibilidades	21.37 (3.81)	22.55 (3.12)*	23.19 (3.14)*
Foco nos Outros	12.11 (2.12)	12.43 (2.15)	12.90 (2.30)
<i>Feeling in-between</i>	8.65 (2.27)	8.83 (2.44)	8.88 (2.29)
Autofoco	11.94 (2.06)	12.27 (2.15)	12.81 (1.79)

* $p < .05$

4.6.3 Situação Relacional e Formas de Coabitação

Quanto à situação relacional, os solteiros apresentam uma maior identificação com a adultez emergente, quando comparados com os casados/união de facto (cf. Tabela 15). Quanto à Instabilidade percebida, os solteiros destacam-se face aos jovens que se encontram numa relação, de casamento/união de facto ou de namoro.

Tabela 15. Pontuações médias (e desvio-padrão) do IDEA por situação relacional

	Situação relacional		
	Solteiro	Namoro	Casado/união de facto
IDEA (escala total)	97.93 (9.83)*	95.85 (10.70)	90.27 (8.43)*
Instabilidade	21.43 (3.62)*	20.35 (3.97)*	18.60 (3.89)*
Exp. Identidade	20.02 (3.62)	19.55 (3.28)	18.33 (2.38)
Possibilidades	22.86 (3.09)	22.23 (3.47)	21.00 (2.73)
Foco nos Outros	12.36 (2.17)	12.55 (2.21)	12.93 (1.94)
<i>Feeling in-between</i>	8.86 (2.36)	8.89 (2.25)	7.40 (3.18)
Autofoco	12.40 (2.11)	12.28 (2.06)	12.00 (1.93)

* $p < .05$

No que diz respeito às formas de coabitação, quem vive com o(a) namorado(a) pontua menos no IDEA, quando comparado com quem vive sozinho ou com familiares. A nível da Instabilidade, os jovens que vivem com os familiares tendem a pontuar mais do que aqueles que vivem com o(a) namorado(a). A mesma tendência verifica-se com aqueles que vivem com os seus pares, a pontuarem mais do que os que vivem sozinhos ou com o(a) namorado(a). Quem vive com o(a) namorado(a) apresenta pontuações mais baixas a nível da Exploração da Identidade do que os que vivem com os familiares ou sozinhos. Quanto ao Foco nos Outros, os jovens que vivem com os seus pares pontuam menos do que todos os outros. Por fim, constata-se ainda que os adultos emergentes que vivem sozinhos obtêm pontuações mais elevadas na dimensão Autofoco do que os jovens que vivem com familiares (cf. Tabela 16).

Tabela 16. Pontuações médias (e desvio-padrão) do IDEA por forma de coabitação

	Forma de coabitação			
	Familiares	Namorado(a)	Sozinho(a)	Pares
IDEA (escala total)	97.56 (9.63)*	92.05 (9.71)*	98.59 (8.67)*	95.55 (12.66)
Instabilidade	21.17 (3.37)*	18.95 (3.99)*	19.59 (4.43)	21.67 (4.32)*
Exp. Identidade	20.05 (3.13)*	17.85 (4.00)*	20.41 (2.58)*	19.53 (4.07)
Possibilidades	22.68 (3.20)	21.64 (3.11)	23.41 (2.82)	21.90 (3.70)
Foco nos Outros	12.50 (2.04)*	13.10 (2.43)*	13.24 (1.79)*	11.48 (2.35)*
<i>Feeling in-between</i>	9.04 (2.15)	8.00 (3.06)	8.62 (2.25)	8.70 (2.54)
Autofoco	12.12 (2.02)*	12.51 (1.96)	13.32 (1.93)*	12.27 (2.26)

* $p < .05$

4.6.4 Situação Laboral

Os dados obtidos permitem verificar que os estudantes pontuam mais no IDEA do que os trabalhadores. É ainda possível constatar que os jovens

sem ocupação tendem a obter pontuações mais elevadas do que os estudantes e do que os trabalhadores. Atendendo às dimensões do IDEA, os jovens sem ocupação, assim como os estudantes, apresentam maior Instabilidade, maior Exploração da Identidade e maior *Feeling in-between* do que os trabalhadores. Nas Possibilidades, os jovens sem ocupação e os trabalhadores-estudantes destacam-se face aos trabalhadores. No Foco nos Outros, os trabalhadores obtêm maior pontuação do que os estudantes (cf. Tabela 17).

Tabela 17. Pontuações médias (e desvio-padrão) do IDEA por situação laboral

	Situação laboral			
	Estudante	Trabalhador	Trabalhador- estudante	Sem ocupação
IDEA (escala total)	97.15 (9.77)*	93.33 (10.86)*	97.44 (10.47)	104.28 (7.78)*
Instabilidade	21.18 (3.58)*	19.49 (4.17)*	20.62 (4.02)	23.22 (3.02)*
Exp. Identidade	20.06 (3.08)*	18.51 (3.97)*	19.95 (3.65)	21.22 (2.88)*
Possibilidades	22.58 (3.51)	21.57 (2.80)*	23.26 (2.64)*	24.06 (2.90)*
Foco nos Outros	12.23 (2.18)*	12.97 (2.20)*	12.56 (1.98)	12.67 (2.14)
<i>Feeling in-between</i>	9.13 (2.12)*	7.96 (2.61)*	8.38 (2.75)	9.94 (1.77)*
Autofoco	11.98 (2.05)*	12.82 (2.14)*	12.67 (1.95)	13.17 (1.65)

* $p < .05$

V - Discussão

O período que antecede a entrada na vida adulta tem-se revelado um objeto de estudo de grande interesse mundial, sobretudo pelo aumento crescente da complexidade de trajetórias assumidas (Arnett, 2000, 2004, 2006; Douglass, 2007; Ramos, 2018), motivado, em grande parte, pelo adiamento dos marcadores sociais tradicionais que ditavam a entrada na adultez (Arundel & Ronald, 2016; Guerreiro & Abrantes, 2004, 2007; Mendonça et al., 2009; Sousa, 2004). A diminuição desta regulação normativa nas trajetórias para a vida adulta desperta a curiosidade em perceber como é que os adultos emergentes se definem e perspetivam enquanto futuros adultos e, ao mesmo tempo, como são reconhecidos por outros adultos (Tagliabue et al., 2015). À semelhança do que aconteceu em muitos países da Europa, também em Portugal tem surgido o interesse em estudar esta etapa do ciclo de vida. Contudo, são poucos os estudos efetuados e, conseqüentemente, escassas as informações que permitam uma compreensão e caracterização abrangente da adultez emergente no nosso país. Assim, com o objetivo de contribuir para colmatar as lacunas existentes, este estudo procurou examinar

as características psicométricas do IDEA (Reifman et al., 2007), um instrumento de autorrelato que avalia a identificação com a adultez emergente.

O IDEA tem sido amplamente utilizado em diferentes países um pouco por todo o mundo, como Espanha (Arias & Hernández, 2007), Itália (Crocetti et al., 2015), Brasil (Dutra-Thomé, 2013) ou Malásia (Wider, Bahari, Mustapha, & Halik, 2016), revelando-se uma boa medida de utilização clínica e empírica. Também em Portugal se realizou um estudo com a versão reduzida do IDEA, o IDEA-8 (Balatel, 2017), cuja investigação constituiu uma “porta de entrada” para o estudo desta população.

Depois do processo de tradução e adaptação para Portugal, o IDEA obteve bons resultados psicométricos, mostrando-se uma medida fiável dada a sua forte consistência interna (alfa de Cronbach, $\alpha = .84$) e uma correlação teste-reteste de grande magnitude ($r = .78$), com um mês de intervalo.

A Análise Fatorial Exploratória replicou a estrutura fatorial da escala original (Reifman et al., 2007), com os 31 itens distribuídos por seis dimensões, ainda que tenha havido uma redistribuição de quatro itens, dadas as respetivas saturações. Os itens 5 (*tempo de liberdade pessoal*) e 10 (*tempo de otimismo*), que originalmente pertenciam à dimensão Autofoco, saturaram na dimensão Possibilidades, onde foram mantidos tendo em conta o quadro teórico de base. Por definição, a dimensão Possibilidades caracteriza a adultez emergente como um período da vida em que os jovens têm oportunidade de fazer diversas alterações, mantendo, porém, grande otimismo (item 10) e expectativas elevadas em relação ao seu futuro e às suas conquistas (Arnett, 2005; Arnett et al., 2014). Neste sentido, é também o momento de testar várias possibilidades de futuro, em que procuram definir a pessoa que são, tendo oportunidade para tomarem decisões importantes de forma mais independente (item 5) (Arnett, 2004). O item 23 (*tempo de se separar dos pais*) passou da dimensão Exploração da Identidade para a dimensão Autofoco. O facto de os adultos emergentes serem autofocados apenas significa que é o momento da vida em que podem, como em nenhum outro, focar-se em si mesmos, procurando definir quem são, desenvolvendo competências para a sua vida futura, de forma a tornarem-se autossuficientes (Arnett, 2004). Esta descoberta/aprendizagem é auxiliada pelo facto de lhes ser dada uma maior autonomia e responsabilidade, onde a autoridade parental deixa de exercer o mesmo impacto como até ali (Arnett et al., 2014). Por fim, e apesar de figurar

originalmente na dimensão Autofoco, o item 7 (*tempo de responsabilidade consigo próprio/a*) foi mantido na dimensão Foco nos Outros. Esta dimensão não faz parte da teoria original de Arnett (2000, 2004), tendo surgido por contraponto à dimensão Autofoco, aquando do desenvolvimento do IDEA (Reifman et al., 2007). Em oposição à definição apresentada acima, o Foco nos Outros surge, então, como uma dimensão em que estão presentes as obrigações e os compromissos sociais, a nível pessoal e profissional, deixando de existir a volatilidade e liberdade de experimentação que define o Autofoco. Dessa forma, entendemos que é um *tempo de responsabilidade consigo próprio/a*, no sentido em que há um compromisso e uma obrigação com alguém, pessoa ou instituição. Esta interpretação teórica é sustentada, ainda, com a existência de alguma proximidade entre o item 7 e os restantes itens da dimensão, como acontece com o item 18 (*tempo de compromisso com os outros*).

Considerando as pontuações médias obtidas em cada uma das seis dimensões do IDEA, constatou-se que os resultados não foram de encontro a alguns estudos realizados noutros países, onde os adultos emergentes tendem a pontuar mais nas dimensões Possibilidades, Exploração de Identidade, *Feeling in-between* e Autofoco, e menos na Instabilidade (Tagliabue et al., 2015). No nosso caso, a dimensão mais pontuada foi a das Possibilidades, seguida da Instabilidade, Exploração da Identidade, Foco nos Outros, Autofoco e, por fim, *Feeling in-between*. Porém, este não é um resultado que surpreenda. Por um lado, a teoria da adultez emergente (Arnett, 2000, 2004), diz-nos que as dimensões Possibilidades e Instabilidade encontram-se de “mãos dadas” (Arnett, 2004, p. 12). De facto, a grande oportunidade de exploração e a liberdade de experimentação conferida aos adultos emergentes traduzem-se numa multiplicidade de vivências e caminhos que podem ser seguidos em diversas áreas (e.g., estudos, ocupação profissional, relações amorosas, experiências sexuais), culminando na fase de vida menos estruturada de todas (Arnett, 2007; Arnett et al., 2014). Por outro lado, os dados encontrados na presente investigação reforçam as conclusões de uma investigação (Kongshøj, Molina, Møller, & Lozano, 2013), que afirma que os adultos emergentes dos países do Sul da Europa apresentam elevados níveis de incerteza em relação ao seu futuro.

Apesar de a grande maioria dos participantes (66.4%) considerar que o

estatuto de adulto apenas foi alcançado em alguns aspetos, o que revela um sentimento de ambiguidade fortemente partilhado entre os adultos emergentes em Portugal, o facto de a dimensão *Feeling in-between* ter sido a menos pontuada torna-se compreensível à luz das características socioculturais do contexto português. Consideremos três aspetos relevantes. Em primeiro, urge situar Portugal no mapa da Europa, enquadrando-o num grupo de países que é caracterizado pelo atraso na concretização dos tradicionais marcadores de adultez, assim como pelos fortes laços familiares, onde a família se reveste de especial importância no suporte financeiro e emocional que presta aos jovens (Arnett, 2006; Arundel & Ronald, 2016; Bulh & Lanz, 2007; Douglass, 2007). A confirmar estas afirmações surgem os dados do Instituto Nacional de Estatística (Pordata, 2018): a idade do primeiro casamento ocorre, em média, aos 32.8 anos para os homens e aos 31.3 para as mulheres; o nascimento do primeiro filho ocorre quando a mulher tem, em média, 30.3 anos; os portugueses saem de casa dos pais, em média, aos 29.2 anos, dos mais tardios da União Europeia (Eurostat, 2018). Uma segunda consideração importante são as conclusões de diversas investigações (Guerreiro & Abrantes, 2004, 2007; Ramos, 2018) que definiram a transição para a vida adulta, em Portugal, a dois tempos: um primeiro momento de liberdade/exploração, com foco na dimensão profissional, seguido de um momento de estabilidade, com foco na família, com a entrada na terceira década de vida. Tal sequência de acontecimentos é facilitada pela grande presença do apoio familiar, que confere um suporte prolongado, na ausência de apoios estatais, até à entrada dos jovens no mercado de trabalho (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012; Pappámikail, 2004). Por fim, e tendo em conta os acontecimentos referidos, Ferreira e Nunes (2010) constataram que existe uma grande densidade de eventos marcantes na casa dos 30 anos, que se traduz numa sequência rápida entre a saída de casa dos pais, o casamento e a parentalidade nos jovens (Buchmann & Kriesi, 2011; Lanz & Tagliabue, 2007). Assim, e apesar de ser um sentimento nitidamente presente, o apoio recebido pela família e a forma como ocorre a independência dos jovens portugueses parece sustentar a maior incidência na exploração de novas vivências e na menor pontuação obtida na dimensão *Feeling in-between*.

Relativamente à validade convergente foram abordados os constructos diferenciação do *self* e orientação para o futuro. Os resultados encontrados

atestam as considerações teóricas presentes na literatura, com os adultos emergentes portugueses focados na procura de novas vivências, com o objetivo de definirem quem são enquanto pessoas, sem que deixem de estar preocupados com as consequências que as suas escolhas podem ter a longo prazo.

Questionados sobre as expectativas para o futuro, realçou-se o interesse dos nossos jovens em projetar como planos futuros atividades que se prendam com o lazer e viagens, reforçando a diversão e exploração de vivências já demonstrada por Ferreira e Jorge (2008). Esta exploração engloba diversos comportamentos, como os aditivos (Arnett, 2005; Arnett et al., 2014), que tendem a ser socialmente aceites nesta faixa etária dos jovens (Reifman et al., 2016; Sussman & Arnett, 2014). Os dados encontrados na presente investigação corroboram esta ideia, através da correlação negativa que existe entre a dimensão Exploração da Identidade e o domínio de vida Saúde/morte do próprio (HFQ). A existência de um sentimento de ambiguidade já identificado, aliado à falta de recursos económicos surge como fator explicativo para o facto de a aquisição de bens, como um automóvel ou uma casa, não ser uma expectativa a concretizar num curto espaço de tempo. De facto, é notória a importância atribuída aos recursos económicos no contexto português, com a esmagadora maioria da nossa amostra (66.7%) a referir que os pais devem deixar de suportar economicamente os filhos quando estes começam a trabalhar, configurando-se a independência económica como um fator decisivo para que os jovens se considerem adultos (Ferreira & Jorge, 2008; Mendonça et al., 2009).

A oportunidade de tomarem decisões importantes sobre si, de forma mais independente, parece cumprir-se com os jovens a afirmarem um menor contacto com os familiares, em prol das suas vivências e decisões. Considerando em particular esta dimensão (Possibilidades), verificamos que existe uma valorização da presença dos amigos, o que é entendido por Tanner e Arnett (2011) como algo positivo para o desenvolvimento e bem-estar dos adultos emergentes. Falando em família, foi nosso objetivo, ainda que de forma breve, perceber como é que os nossos jovens percecionam o funcionamento familiar. Assim, dadas as correlações encontradas com as dimensões do SCORE-15, parece haver uma ligação entre a instabilidade vivenciada pelos adultos emergentes e a disponibilidade do seio familiar para

ajudar, não só pela abertura à comunicação como pela capacidade de adaptação que oferece. Estes dados suportam as conclusões de Mota e Rocha (2012), que veem na família um suporte essencial para a criação de autonomia e da autossuficiência dos jovens. Por fim, constatou-se que quanto maior for a identificação com a adultez emergente, maior é o grau de satisfação dos jovens com a sua vida.

No que concerne às diferenças entre as pontuações obtidas no IDEA e as variáveis sociodemográficas analisadas, importa fazer algumas considerações. Em relação às diferenças entre géneros, verificou-se que as mulheres tendem a perspetivar a adultez emergente com maior instabilidade e como um período mais focado nos outros; quanto aos homens, estes tendem a perceber esta etapa de vida como um momento de grande experimentação e descoberta. Tais diferenças articulam-se entre si, no sentido de apoiar as diferenças quanto aos papéis de género que ainda têm peso na sociedade portuguesa (Kaufmann, 2002, in Guerreiro & Abrantes, 2007), exigindo às mulheres uma maior conciliação entre as esferas públicas e privadas das suas vidas.

Comparados os dois grupos etários verificou-se que o grupo mais jovem tende a identificar-se mais com a adultez emergente, o que sugere que a identificação com esta etapa tende a diminuir ao longo do tempo. Ao contrário de outros estudos, verificou-se ainda que o grupo etário mais velho obteve maiores pontuações na dimensão Autofoco. Este resultado não é tão surpreendente como parece, se atendermos, uma vez mais, às características sociodemográficas do contexto português. Vários autores (Andrade, 2010; Guerreiro & Abrantes, 2004, 2007) já demonstraram que os jovens portugueses encaram a proximidade com a terceira década de vida como um tempo de compromissos e responsabilidades. Assim, e sendo o autofoco uma característica dos adultos emergentes que se traduz na conquista de responsabilidade e autossuficiência, em prol das futuras relações que se pretendem duradouras em termos profissionais e amorosos (Arnett, 2004), faz sentido que seja na proximidade com os 30 anos que tal dimensão surja evidenciada.

Uma das críticas tecidas à teoria da adultez emergente diz respeito às discrepâncias entre o suporte financeiro dos adultos emergentes, dado que nem todos possuem os mesmos recursos económicos para usufruir de igual

modo das oportunidades que a adultez emergente oferece (Bynner, 2005). Pelos dados obtidos neste estudo, parece haver consistência com tal crítica, dado que os adultos emergentes de níveis socioeconómicos mais elevados tendem a caracterizar esta etapa de vida como um período de exploração e de novas oportunidades (Hill, Lalji, van Rossum, van der Geest, & Blokland, 2015).

Como descrito anteriormente, durante esta etapa de vida podem existir diferentes configurações habitacionais que, atendendo aos resultados obtidos, parecem influenciar a forma como este período é vivenciado. De um modo geral, quem vive com o(a) namorado(a) tende a identificar-se menos com esta etapa de vida marcada pela exploração de vivências e oportunidades. Por outro lado, quem vive sozinho percebe esta etapa de vida como um momento de maior autofoco, onde o menor controlo/supervisão, nomeadamente dos pais, confere aos jovens uma maior liberdade para a tomada de decisões independentes (Arnett, 2005).

Por fim, importa salientar as diferenças evidenciadas ao nível da situação laboral, nomeadamente nas pontuações obtidas por aqueles que se encontram a trabalhar e pelos jovens sem ocupação. As comparações entre as diversas dimensões e as várias ocupações laborais revelam que os adultos emergentes sem ocupação se destacam nas dimensões Instabilidade, Exploração da Identidade, Possibilidades e *Feeling in-between*. De facto, estes jovens detêm uma maior disponibilidade para experienciar novas aventuras e diferentes formas de estar na vida, construindo os pressupostos que irão orientar a sua vida adulta (Arnett et al., 2014). No entanto, esta exploração de oportunidades é acompanhada pela precariedade e preocupação sobre o seu futuro (Schwartz, 2016), o que constitui um fator de instabilidade. A contrastar com estes dados surgem as pontuações obtidas pelos adultos emergentes trabalhadores, que tendem a pontuar menos em todas as dimensões do IDEA, exceto no Autofoco e no Foco nos Outros. Estes dados vão de encontro à hipótese de que os trabalhadores têm uma maior autonomia e estabilidade financeiras, o que constitui um dos mais salientes critérios para se atingir a adultez. Ora, estando mais próximo de se reconhecer como adulto, a construção da personalidade e da trajetória de vida típicas de um adulto emergente está perto de ser concluída, o que justifica as menores pontuações em dimensões como as Possibilidades e o *Feeling in-between*. Neste sentido,

podemos retomar as ideias de Guerreiro e Abrantes (2004, 2007), quando afirmam que depois de uma fase de exploração, os jovens procuram uma etapa de estabilidade. Consistente com esta ideia surge o facto de os adultos emergentes que se encontram numa relação amorosa, de namoro ou casamento/união de facto, pontuarem menos na dimensão Instabilidade do que os jovens solteiros. Estes dados reforçam as considerações teóricas de Arnett (2004, 2005), que afirma que a adultez emergente é um período marcado por uma grande instabilidade em termos amorosos, pautado por relações pouco duradouras ou de sexo casual. Ora, estando envolvido numa relação amorosa é compreensível que esta instabilidade tenda a diminuir.

5.1 Limitações do Estudo e Sugestões para Futuras Investigações

Este estudo apresenta como principal limitação a constituição da amostra. Recolhida através de um método de amostragem por conveniência, existem algumas diferenças entre o número de elementos que compõem algumas variáveis importantes para o presente estudo, como o género, o estado civil, a situação laboral e a forma de coabitação. Todavia, e apesar de não ser representativa da população portuguesa, permitiu a clarificação e exploração do objeto de estudo.

Relativamente a futuras investigações, sugere-se que se dê continuidade ao trabalho aqui iniciado, com uma amostra mais equitativa, de forma a constituir uma maior representatividade da população portuguesa. Além disso, e fazendo um cruzamento entre a teoria e a informação empírica obtida, existem dois aspetos que seria pertinente analisar: por um lado, perceber qual a relação existente entre a adultez emergente e os comportamentos aditivos (Arnett, 2005; Arnett et al., 2014) e, por outro, compreender a ligação entre a manifestação de sintomatologia ansiosa e depressiva nesta etapa de vida (Arnett et al., 2014; Moore II & Shell, 2017; Schwartz, 2016). Por fim, e dada a importância que o suporte familiar possui nesta etapa de vida e no bem-estar dos adultos emergentes (Arundel & Ronald, 2016), seria útil compreender, de uma forma mais pormenorizada, o impacto de diferentes variáveis familiares, como a comunicação entre pais e filhos, por exemplo.

VI – Conclusões

Com a presente investigação pretendeu-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada da vivência da adultez emergente no contexto português. Para tal, analisaram-se as qualidades psicométricas do IDEA, que se revelou um instrumento fiável para a identificação com os temas da adultez emergente, útil tanto para aplicação clínica como para fins de investigação.

Os resultados obtidos permitem afirmar que os adultos emergentes portugueses vivem esta etapa da vida a dois tempos, onde se cumpre a realização profissional num primeiro momento e só depois se concretizam as vivências familiares (e.g., coabitação com um parceiro, casamento e parentalidade) (Brandão et al., 2012). Outro aspeto relevante é o do impacto que a autonomia financeira exerce nos jovens, tanto na perceção da adultez emergente como na criação de condições para a vivência do papel de adulto. Por fim, a incerteza evidente face ao futuro, motivada pela ausência de contextos favoráveis à autonomia e emancipação dos jovens (Vieira et al., 2015), corrobora a tese de que a perceção que os adultos emergentes têm sobre a vida adulta é fortemente influenciada pelo contexto sociocultural em que vivem (Kongshøj et al., 2013).

Bibliografia

- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255–267.
- Arias, D. F., & Hernández, A. M. (2007). Emerging adulthood in Mexican and Spanish youth theories and realities. *Journal of Adolescent Research*, 22(5), 476–503. doi:10.1177/0743558407305774
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235–253.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Brunner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111–123. doi: 10.1080/13676260500523671
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for?. *Child Development Perspectives*, 1(2), 68–73.
- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569–576.
- Arundel, R., & Ronald, R. (2016). Parental co-residence, shared living and emerging adulthood in Europe: Semi-dependent housing across welfare regime and housing system contexts. *Journal of Youth Studies*, 19(7), 885–905. doi:10.1080/13676261.2015.1112884
- Balatel, E. (2017). *Inventário das Dimensões da Aduldez Emergente (IDEA-8): Estudos psicométricos iniciais* (Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa). Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/8660>
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de aduldez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301–313.

- Buchmann, M. C., & Kriesi, I. (2011). Transition to adulthood in Europe. *Annual Review of Sociology*, 37, 481–503. doi:10.1146/annurev-soc-081309-150212
- Buhl, H., & Lanz, M. (2007). Emerging adulthood in Europe: Common traits and variability across five European countries. *Journal of Adolescent Research*, 22(5), 439–443. doi:10.1177/0743558407306345
- Bynner, J. (2005). Rethinking the youth phase of the life-course: The case for emerging adulthood?. *Journal of Youth Studies*, 8(4), 367–384.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Correia, F., & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 34(1), 15–29. doi:10.14417/ap.1018
- Crocetti, E., Tagliabue, S., Sugimura, K., Nelson, L. J., Takahashi, A., Niwa, T., ... Jino, M. (2015). Perceptions of emerging adulthood: A study with Italian and Japanese university students and young workers. *Emerging Adulthood*, 3(4), 229–243. doi:10.1177/2167696815569848
- DeVellis, R. F. (2012). *Scale development: Theory and applications* (3rd ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Douglass, C. (2005). ‘We’re fine at home’: Young people, family and low fertility in Spain. In C. Douglass (Ed.), *Barren states: The population ‘implosion’ in Europe* (pp. 183–206). Oxford, England: Berg.
- Douglass, C. (2007). From duty to desire: Emerging adulthood in Europe and its consequences. *Child Development Perspectives*, 1(2), 101–108. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00023.x
- Dutra-Thomé, L. (2013). *Emerging adulthood in Southern Brazilians from differing socioeconomic status: Social and subjective markers* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retirado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76534/000886149.pdf>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Eurostat. (2018). Bye bye parents: when do young Europeans flee the nest?.

- Retirado de <http://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/EDN-20180515-1?inheritRedirect=true&redirect=%2Feurostat%2F>
- Ferreira, J. A., & Jorge, A. (2008). Para a compreensão da adultez emergente em Portugal. *Psychologica*, 48, 159–173.
- Ferreira, V. S., & Nunes, C. (2010). Transições para a vida adulta. In J. M. Pais & V. S. Ferreira (Eds.), *Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa* (pp. 39–67). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Fonseca, G., Silva, J. T., Paixão, M. P., Cunha, D., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2018). Emerging adults thinking about their future: Development of the Portuguese version of the Hopes and Fears Questionnaire. *Emerging Adulthood*, 1-7. doi: 10.1177/2167696818778136
- Gjersing, L., Caplehorn, J. R. M., & Clausen, T. (2010). Cross-cultural adaptation of research instruments: Language, setting, time and statistical considerations. *BMC Medical Research Methodology*. <https://doi.org/10.1186/1471-2288-10-13>
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2004). Moving into adulthood in a Southern European country: Transitions in Portugal. *Portuguese Journal of Social Science*, 3(3), 191–209.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: CITE.
- Hill, J. M., Lalji, M., van Rossum, G., van der Geest, V. R., & Blokland, A. A. J. (2015). Experiencing emerging adulthood in the Netherlands. *Journal of Youth Studies*, 18(8), 1035–1056. doi:10.1080/13676261.2015.1020934
- Husman, J., & Shell, D. (2008). Beliefs and perceptions about the future: A measurement of future time perspective. *Learning and Individual Differences*, 18(2), 166–175. doi:10.1016/j.lindif.2007.08.001
- Keniston, K. (1971). *Youth and dissent: The rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Kim, H.-Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: Assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52–54. doi:10.5395/rde.2013.38.1.52
- Kongshøj, P. M., Molina, O., Møller, J., & Lozano, M. (2013). Labour market transitions of young workers in Nordic and Southern European

- countries: The role of flexicurity. *Transfer: European Review of Labour and Research*, 19, 325–343.
- Lanz, M., & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone to become adult? Romantic relationships in emerging adulthood. *Journal of Adolescent Research*, 22, 531–549. doi:10.1177/0743558407306713
- Leontopoulou, S., Mavridis, D., & Giotsa, A. (2016). Psychometric properties of the Greek Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA): University student perceptions of developmental features. *Journal of Adult Development*, 23(4), 226–244. doi:10.1007/s10804-016-9239-4
- Levinson, D. J. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores de Adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 145–164.
- Miguel, J. P., Paixão, M. P., Silva, J. T., & Machado, T. S. (2017). Future Time Perspective Scale (FTPS-P): Análise Rasch da versão Portuguesa. *Revista de Estudos e Investigación em Psicologia y Educación*, 1, 1-6.
- Moore II, L. E., & Shell, M. D. (2017). The effects of parental support and self-esteem on internalizing symptoms in emerging adulthood. *Psi Chi Journal of Psychological Research*, 22(2), 131–140. doi:10.24839/2325-7342.JN22.2.131
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescence and emerging adulthood: Personal growth, separation-individuation and the relational game. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357–366. doi:10.1590/S0102-37722012000300011
- Negru, O. (2012). The time of your life: Emerging adulthood characteristics in a sample of Romanian high-school and university students. *Cognition, Brain, Behavior*, 16(3), 357–367.
- Neto, F. (1993). The Satisfaction With Life Scale (SWLS): Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2), 125-134.

- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida, R. Santiago, P. Silva, L. Oliveira, O. Caetano e J. Marques (Eds.), *A acção educativa: Análise psico-social* (pp. 105-117). Leiria: E.S.E.L./A.P.P.O.R.T.
- Nurmi, J. E., Poole, M. E., & Seginer, R. (1990). *Future Hopes and Fears Questionnaire*. Helsinki: University of Helsinki Department of Psychology.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (2nd ed.). Australia: Allen & Unwin.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 91–116.
- Parra, A., Oliva, A., & Reina, M. (2015). Family relationships from adolescence to emerging adulthood: A longitudinal study. *Journal of Family Issues*, 36(14), 2002-2020. doi:10.1177/0192513X13507570
- Pérez, J. C., Cumsille, P., & Martínez, M. L. (2008, Março). *Construct validity of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood in a Chilean sample*. Comunicação apresentada no Biennial Meeting of the Society for Research on Adolescence, Chicago.
- Pordata. (2018). Idade média ao primeiro casamento, por sexo. Retirado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+média+ao+primeiro+casament+o++por+sexo-421>
- Pordata. (2018). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho. Retirado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+média+da+mãe+ao+nasciment+o+do+primeiro+filho-805>
- Ramos, V. (2018). Transitions to adulthood and generational change in Portugal. *Societies*, 8(2), 1–21. doi:10.3390/soc8020021
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2007). Emerging adulthood: Theory, assessment, and application. *Journal of Youth Development*, 2(1), 1–12.
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2016). The IDEA: Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (Extended analyses to accompany Reifman, Arnett, & Colwell, 2007, *Journal of Youth Development*). doi: 10.13140/RG.2.1.3547.6886

- Relvas, A. P., Fonseca, G., Baião-Traguedo, T., Major, S., & Rodriguez-González, M. (2017). *Inventário da Diferenciação do Self-Revisto*. Manuscrito submetido para publicação.
- Scabini, E. (2000). New aspects of family relations. In C. Violato, E. Oddone-Paolucci, & M. Genius (Eds.), *The changing family and child development* (pp. 3–24). Aldershot, UK: Ashgate.
- Schwartz, S. J. (2016). Turning point for a turning point: Advancing emerging adulthood theory and research. *Emerging Adulthood, 4*(5), 307-317. doi: 10.1177/2167696815624640
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia, 26*(3), 503-515.
- Simões, M. R. (2000). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Sloan, D., & Dierendonck, D. (2016). Item selection and validation of a brief, 20-item version of the Differentiation of Self Inventory-Revised. *Personality and Individual Differences, 97*, 146–150. doi:10.1016/j.paid.2016.03.037
- Sousa, F. (2004). “A transição para a vida adulta mas...o que é ser adulto?” – As práticas e representações sobre o que é ser adulto em Portugal. *Intervenção Social, 30*, 183–200.
- Stratton, P., Lask, J., Bland, J., Nowotny, E., Evans, C., Singh, R., ... Peppiatt, A. (2014). Detecting therapeutic improvement early in therapy: Validation of the SCORE-15 Index of Family Functioning and Change. *Journal of Family Therapy, 36*(1), 3-19. doi:10.1111/1467-6427.12022
- Sussman, S., & Arnett, J. J. (2014). Emerging adulthood: Developmental period facilitative of the addictions. *Evaluation & The Health Professions, 37*(2), 147–155.
- Tagliabue, S., Crocetti, E., & Lanz, M. (2015). Emerging adulthood features and criteria for adulthood: Variable-and person-centered approaches. *Journal of Youth Studies, 19*(3), 374–388.
- Tanner, J. L., & Arnett, J. J. (2011). Presenting “emerging adulthood”: What makes it developmentally distinctive?. In J. J. Arnett, M. Kloep, L. B. Hendry, & J. L. Tanner (Ed.), *Debating emerging adulthood: Stage or*

- process?* (pp. 13-30). New York: Oxford University Press.
- Vieira, M. M., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015). Retrato da juventude em Portugal: Traços e tendências nos censos de 2001 e 2011. *Revista de Estudos Demográficos*, 54, 5–25.
- Vilaça, M., Silva J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas e S. Major (Coord.), *Instrumentos de Avaliação Familiar – Funcionamento e Intervenção* (Vol. 1, pp: 23-41). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Wider, W., Bahari, F., Mustapha, M., & Halik, M. H. (2016). Investigating the measurement of Malay version of Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (M-IDEA) among first year university students in Malaysia. *International Journal of Current Research*, 8(4), 29878–29884.

Anexos

Anexo A – Tabela Síntese com os Vários Estudos do IDEA

Estudo	Amostra	Dimensões IDEA	Outros constructos medidos	Consistência interna (α)	Estabilidade temporal (teste-reteste)	
Estados Unidos	Reifman, Arnett, & Colwell, 2007	300 estudantes universitários Idades: 18 – 29 anos	6 dimensões (31 itens)			
			F1: Exploração da Identidade	Satisfação com a vida	F1: .85	F1: .66
			F2: Experimentação/Possibilidades	Autocontrolo	F2: .83	F2: .76
			F3: Negatividade/Instabilidade	<i>Possible selves</i>	F3: .82	F3: .72
			F4: Foco nos Outros	Procura de novidade	F4: .73	F4: .64
			F5: Autofoco	Orientação para o futuro	F5: .70	F5: .65
F6: <i>Feeling in-between</i>	Controlo parental	F6: .80	F6: .37			
					(1 mês intervalo)	
Argentina	Facio et al., 2007	Estudos longitudinais Estudo 1: 175 estudantes Estudo 2: 698 estudantes Idades: 18 – 26 anos	3 dimensões			
			F1: Exploração da Identidade	n.a.	(Similar EUA)	n.a.
			F2: Possibilidades			
México e Espanha	Arias & Hernández, 2007	720 estudantes Idades: 16 – 34 anos	7 dimensões		México (Espanha)	
			F1: <i>Adulthood Postponement</i>		F1: .79 (.76)	
			F2: Instabilidade		F2: .70 (.73)	
			F3: Autonomia		F3: .67 (.65)	
			F4: Explorações	n.a.	F4: .59 (.62)	n.a.
			F5: Visões de futuro e Possibilidades		F5: .66 (.57)	
			F6: Preocupações		F6: .51 (.55)	
F7: <i>Identity Moratorium</i>		F7: .44 (.40)				
					ET: .71 (.66)	
Turquia	Atak & Çok, 2008	296 estudantes Idades: 15 – 34 anos	3 dimensões (20 itens)			
			F1: Instabilidade		F1: .78	F1: .78
			F2: Exploração/ <i>Feeling in-between</i>	n.a.	F2: .76	F2: .76
			F3: Experimentação/Autofoco		F3: .82	F3: .82
					ET: .81	
					(3 semanas intervalo)	

Estudo	Amostra	Dimensões IDEA	Outros constructos medidos	Consistência interna (α)	Estabilidade temporal (teste-reteste)
Chile	Pérez et al., 2008 162 participantes (91% estudantes universitários) Idades: 18 – 26 anos	4 dimensões (32 itens) F1: Exp. Identidade e <i>Feeling in-between</i> F2: Liberdade/Possibilidades F3: Negatividade F4: <i>Self & Others</i>	Autoestima Autoeficácia Sintomas depressivos Bem-estar <i>Stress</i> Consumo de substâncias	n.a.	n.a.
Roménia	Negru, 2012 535 estudantes	Foi um estudo para caracterizar a adultez emergente. Foi usado o instrumento original	Satisfação com a vida	n.a.	n.a.
Brasil	Dutra-Thomé, 2013 547 participantes Idades: 18 – 29 anos	6 dimensões (33 itens) F1: Exploração da Identidade F2: Autofoco F3: Instabilidade F4: Possibilidades F5: <i>Feeling in-between</i> F6: Foco nos Outros	n.a.	F1: .79 F2: .62 F3: .74 F4: .61 F5: .78 F6: .62 ET: .80	n.a.
Califórnia	Lisha et al., 2014 1676 estudantes Idades: 14 – 21 anos	3 dimensões (21 itens) F1: Exploração da Identidade F2: Possibilidades F3: Independência/Aufococo	Comportamentos de risco <i>Engagement coping</i> <i>Stress</i> Tomada de decisão Comparações com variáveis sociodemográficas	F1: .89 F2: .85 F3: .64 ET: .93	n.a.
Itália e Japão	Crocetti et al., 2015 2472 participantes Idades: 18 – 30 anos	5 dimensões (15 itens) F1: Exploração da Identidade F2: Instabilidade F3: Autofoco F4: <i>Feeling in-between</i> F5: Possibilidades	Comparações com variáveis sociodemográficas	Itália (Japão) F1: .86 (.91) F2: .84 (.83) F3: .91 (.89) F4: .80 (.82) F5: .85 (.89)	n.a.

Estudo	Amostra	Dimensões IDEA	Outros constructos medidos	Consistência interna (α)	Estabilidade temporal (teste-reteste)	
		6 dimensões (24 itens)				
Holanda	Hill et al., 2015	978 participantes Idades: 18 – 21 anos	F1: Autofoco	Autoeficácia	F1: .64	n.a.
			F2: Instabilidade	Satisfação com a vida	F2: .82	
			F3: Exp. Identidade: <i>sense of self</i>	Depressão	F3: .78	
			F4: Exp. Identidade: <i>future self</i>	Procura de sensações	F4: .60	
			F5: Possibilidades	Autocontrolo	F5: .84	
			F6: Foco nos Outros	Consumo de substâncias	F6: .42	
		3 dimensões (20 itens)				
Grécia	Leontopoulou, Mavridi, & Giots, 2016	592 estudantes Idades: 18 – 30 anos	F1: Exp. Identidade/ <i>Feeling in-between</i>	Comparações com variáveis sociodemográficas	F1: .96	n.a.
			F2: Possibilidades/Autofoco		F2: .98	
			F3: Instabilidade		F3: .78	
		3 dimensões (10 itens)				
Malásia	Wider et al., 2016	568 estudantes Idades: 18 – 26 anos	F1: Exp. Identidade/ <i>Feeling in-between</i>	n.a.	F1: .84	n.a.
			F2: Instabilidade		F2: .69	
			F3: Possibilidades		F3: .77	

Notas: n.a. = não aplicável; ET = escala total

Anexo B – Apresentação do Estudo e Consentimento Informado



Caro(a) Participante:

Vimos pedir a sua colaboração para o projeto de investigação “**Transição para a idade adulta na atualidade: Um empreendimento individual e familiar**”, que está a ser desenvolvido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Qual o objetivo do estudo?

O presente estudo tem como objetivo compreender as vivências dos jovens adultos portugueses na atualidade, recolhendo para tal um conjunto de informações sobre os próprios e sobre a sua família.

Quem pode participar?

Qualquer pessoa de nacionalidade Portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, inclusivamente. A participação é voluntária e confidencial.

Como posso participar?

Para participar pedimos que responda a este inquérito. Informamos que não existem respostas certas ou erradas, o importante é que as suas respostas expressem o que pensa, sente ou faz em cada caso. O tempo médio de preenchimento é de **aproximadamente 15 minutos**.

A confidencialidade dos dados está garantida?

Os dados aqui recolhidos serão exclusivamente utilizados no âmbito da investigação à qual se destinam, estando garantida a confidencialidade das suas respostas. Poderá, ainda, contactar a equipa de investigação, através do telefone 239 851 450 ou do e-mail gaif@fpce.uc.pt, para esclarecer eventuais dúvidas sobre este processo.

Se aceitar participar neste projeto de investigação, por favor coloque um X no quadrado abaixo:

Declaro que tomei conhecimento das informações acima prestadas e que quero dar o meu contributo neste projeto de investigação.

**O seu contributo é extremamente importante para o prosseguimento deste estudo.
Como tal, agradecemos a sua disponibilidade e colaboração!**

A equipa de investigação:

Ana Paula Relvas
Gabriela Fonseca
Luciana Sotero
Miguel Oliveira

